

permanência no meio de enraizamento e a época do ano não influenciaram na taxa de sobrevivência das mudas, variando entre 92,19 e 100%. As paradas de crescimento das mudas micropropagadas, mantidas em casa de vegetação, devem ser causadas por dormência, pois após um período de 1440 h, sob temperatura de 2 a 4°C, as plantas recuperaram o crescimento.

**TÍTULO:** Ultraestrutura de *Aulacoseira granulata* (Ehr.) Sim. e *A. ambigua* (Grun.) SIM. (Bacillariophyta).

**AUTOR:** Rosemeri Segecin Moro

**DATA:** 20 de dezembro de 1991

**NÍVEL:** Mestrado

**LOCAL:** Universidade Federal do Paraná

**BANCA EXAMINADORA:** Ita Moema Valente Moreira - UFPR (orientador)

Denise de Campos Bicudo - IBSP

Thelma Alvin Veiga Ludwig - UFPR

**RESUMO:** Realizou-se um estudo comparativo morfológico entre as células vegetativas de cinco táxons pertencentes ao grupo *Aulacoseira* (= *Melosira*) *granulata*: *A. granulata* (Ehr.) Sim. var. *granulata*, *A. granulata* (Ehr.) Sim. var. *angustissima* (O. Muller) Sim., *A. granulata* (Ehr.) Sim. var. *australiensis* (Grun.) Moro. *A. ambigua* (Grun.) Sim. var. *ambigua* e *A. ambigua* (Grun.) Sim. var. *ambigua f. spiralis* (Skuja) Ludwig, amostradas em 24 meses na Represa Alagados, Ponta Grossa (Pr). Efetuou-se uma revisão da terminologia empregada para a descrição do grupo visando a sua uniformização em língua portuguesa. As análises foram realizadas sob microscopia fotônica e eletrônica de varredura para todos os cinco táxons, e microscopia eletrônica de transmissão para *A. granulata* var. *australiensis* em particular. Este trabalho pretende ser uma contribuição ao conhecimento das espécies e, em especial, à classificação de *A. granulata* var. *australiensis* e *A. ambigua* var. *ambigua f. spiralis*, que tiveram novas combinações nomenclaturais propostas recentemente e são analisadas pela primeira vez sob microscopia eletrônica de varredura.

### Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**TÍTULO:** Composição e biomassa do fitoplâncton na Baía de Guajará (Brasil).

**AUTOR:** Rosildo Santos Paiva

**DATA:** Fevereiro de 1991

**LOCAL:** Universidade Federal de Pernambuco

**NÍVEL:** Mestrado

**BANCA EXAMINADORA:** Enide Eskinasi Leça UFPE (orientadora)

Geraldo Mariz, - UFPE

Maryse N. Paranaguá, - UFPE

**RESUMO:** A composição, biomassa e comportamento do fitoplâncton da Baía do Guajará (Pará-Brasil), foram estudados através de amostras coletadas a cada dois meses, entre

dezembro/1989 e outubro/1990. As análises basearam-se em amostras de plancton obtidas horizontalmente na superfície com auxílio de uma rede com malhas de 65,  $\mu\text{m}$  de abertura. No estudo quantitativo do fitoplâncton determinou-se a densidade (células/litro) e concentração de clorofila "a" ( $\text{mg}/\text{m}^3$ ). Salinidade da água, temperatura, transparência e pH foram mensurados, para comparação. O fitoplâncton foi composto por 116 taxa específicas e infraespecíficas: 1. Cyanophyceae, 45 Chlorophyceae e 70 Bacillariophyceae. Mais significativos foram: *Polymyxus coronalis* (indicador de águas salobras amazônicas) e *Actinoptychus trilingulatus* (primeiro registro para o Brasil). Quantitativamente o fitoplâncton variou de 790.000 cél/lit. a 4.790.000 cél/lit, sendo mais abundantes os fitoflagelados, seguidos pelas distomaceas, cianofíceas e clorofíceas. A clorofila "a" variou de 1,49 $\text{mg}/\text{m}^3$  a 23,33 $\text{mg}/\text{m}^3$ . A Baía de Guajará é caracterizada por uma pequena variação na salinidade, temperatura elevada, baixa transparência e pH geralmente ácido. A variação anual destes parâmetros está relacionada com o regime pluviométrico, que influencia os valores quantitativos do fitoplâncton.

**TÍTULO:** Microbiota fúngica e espécies produtoras de aflatoxina, ocratoxina e citrinina em castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa* Humbold e Bompland)

**AUTORA:** Solange do Perpétuo Socorro Evangelista Costa

**DATA:** Março de 1991

**LOCAL:** Universidade Federal de Pernambuco

**NÍVEL:** Mestrado

**BANCA EXAMINADORA:** Maria Auxiliadora de Q. Cavalcanti (orientadora) - UFPE  
Maria Menezes, - UFPE  
Laíse de Holanda C. Andrade - UFPE

**RESUMO:** Uma grande variedade de produtos alimentícios consumidos pelo homem estão sujeitos à contaminação por micotoxinas. A castanha-do-Pará constitui-se em um importante produto de exportação da região amazônica além de ter amplo consumo entre esta população. Para avaliar a suscetibilidade destas amêndoas à contaminação por fungos e em especial pelos produtores de aflatoxina, ocratoxina e citrinina, foi realizado um estudo com amostras procedentes da cidade de Belém (PA-Brasil) e constituídas de castanhas beneficiadas, castanhas com casca e castanhas em ouriço. Estas sementes, após descorticadas, foram esterilizadas superficialmente e colocadas em câmara úmida. Isolou-se 1.199 taxa constituindo um total de 59 diferentes espécies. Destas, 78,57% pertencem à sub-divisão Deuteromycotina, seguida de Zygomycotina, Ascomycotina e *Mycelia sterilia*, com 15,93%, 4,83% e 0,67%, respectivamente. *Aspergillus*, *Syncephalastrum*, *Penicillium* e *Fusarium* foram os gêneros mais assinalados. "Coconut Agar Medium" foi utilizado para detecção das referidas toxinas dos isolados, através da observação de fluorescência sob ondas longas de luz ultravioleta. As amostras positivas foram extraídas com clorofórmio e ensaiadas por cromatografia de camada delgada (CCD). Foram detectados 154 isolados produtos de aflatoxina, entre *Aspergillus flavus* e *A. parasiticus*, 2 de citrinina e 1 de ocratoxina, (*Penicillium steckii* e *A. ochraceus* respectivamente). A produção de aflatoxina nas amêndoas também foi avaliada, através da incubação de uma amostra toxigênica de *A. parasiticus* constatando-se a suscetibilidade do substrato. Outros aspectos referentes ao crescimento de fungos nas amêndoas também foram analisados.